

Esses que vieram e ficaram

Vera Brant - a necessidade de um ideal bem grande

P: Há 14 anos em Brasília, tendo vindo do Rio de Janeiro, você já se arrependeu alguma vez de ter vindo?

R: Acho que não. Tive várias fossas neste intervalo; e os abismos da gente aqui são mais abismos. Talvez porque tivesse sonhado alto demais. Vim porque quis e porque tinha necessidade de um ideal bem grande. Brasília, naquela época, representava o ideal de todas as pessoas angustiadas por realizar alguma coisa. Era uma seta para o futuro, uma perspectiva de dar um sentido novo aos caminhos que nos levavam aos nossos amanhãs. Queria estar ao lado das pessoas que sonhavam igual. Tentei pegar uma carona no ideal desta gente.

P: Qual foi a primeira fossa?

R: Quando vários amigos foram embora e eu me sentí quase sózinha.

P: Só?

R: Só.

P: Você sente que contribuiu na realização de Brasília?

R: Sinto que não. Trabalhei na Educação (fui Inspetora de Ensino no MEC) na universidade de Brasília, cheguei à conclusão que não estava valendo nada o que estava fazendo e resolvi abrir uma Imobiliária, em sociedade com o Simão da Cunha. Ficou

aquí cuidando dos imóveis dos outros, administrando, sugerindo aos amigos um bom negócio, etc. Tudo bobagem. Em termos grandiosos não consegui fazer realmente nada.

P: Qual o seu sentimento com relação a Brasília?

R: Amor. Um amor ternura, desse que a gente tem pelas coisas e pessoas puras, idealistas, sonhadoras. Porque Brasília é o sonho de um Brasil que a agente sempre pretendeu que fosse cada vez mais grandioso e mais bonito.

P: Dizem que você é uma pessoa muito querida em Brasília.

R: Sou, felizmente. Aquí fiz centenas de amigos. Aquí conheci os que são, hoje, os meus maiores amigos. Quando assumi a responsabilidade de criar três sobrinhos que vieram para a minha companhia há dez anos, com um, três e quatro anos, só tive coragem de fazê-lo porque contava com os meus amigos que me ajudariam. Nunca vi tanta solidariedade, tanto calor humano. Tanto amor.

P: O que você acha da vida intelectual em Brasília?

R: Meio sobre o fraco. Mas você compensa isto lendo bastante e conversando com pessoas inteligentes. É o que eu procuro fazer sempre.



Rubem Valentim, uma visão plástica

Texto de Marizete Mundim

Mora em Brasília um artista tido como o criador de um novo caminho para a arte: Rubem Valentim. O crítico de arte Frederico Morais disse que ele "representa para o Brasil uma gênese ou um caminho ou mesmo um pensamento de formas arquitetônicas e urbanísticas".

Baiano de São Salvador, Rubem veio para Brasília em abril de 1967 a convite da UnB.

—Não conhecia Brasília e tive muita dificuldade para me adaptar. Mas existe aqui um bom clima físico e uma tranquilidade que me proporcionaram tempo e disposição para o trabalho. Produzi muito: esculturas, objetos, relevos, serigrafias e, pela primeira vez, fiz tapeçaria.

Rubem faz uma arte não verbal, semiológica. Ela é toda baseada nos signos da arte negro-ameríndia-nordestina. Portanto, uma arte revolucionária e ele diz como se sente em Brasília atuando como artista e, como artista revolucionário.

—Viver em Brasília como artista não é fácil. A predominância do mau gosto seja na arquitetura ou na decoração de interiores, revela o gosto dos novos-ricos. As violentações caricatas do folclore, as famigeradas "estilizações" que predominam em determinadas exposições, tão a gosto Kitsch tropicalismo. Enfim a desinformação cultural do brasiliense torna muito difícil a vida do artista.

Rubem coloca o problema de "decepção" dos mais entusiasmados, afinal era de se esperar que Brasília fosse, já hoje, um importante centro cultural.

—Apesar de Brasília ter sido criada sob a inspiração de grandes arquitetos, urbanistas e paisagistas, ela infelizmente ainda não se tornou um centro cultural importante como era esperado. Atualmente, com a consolidação da capital, com a implantação das embaixadas, com a denimização e atuação constante da Fundação Cultural do Distrito Federal, o panorama tende a melhorar, evidentemente.

A importância de Rubem Valentim está no fato de ser ele um artista permanentemente radicado em Brasília, vencendo todas as dificuldades de uma cidade sem mercado de arte definido e com as limitações naturais de uma área cultural em processo de formação.

Vivendo e convivendo com os espaços de Brasília, Rubem Valentim diz que sua arte busca o espaço para torná-lo significativo e, portanto, humano. "Minha arte busca a rua, a estrada, as estações viárias, as praças, as interquadras e os conjuntos arquitetônicos-urbanísticos".

Ele, que hoje é estudando em todo o mundo por ter criado uma arte comprometida com a transformação consciente do signo, vive em Brasília, perfeitamente adaptado.

